



Eu sou linda do meu jeito porque Deus não comete erros
estou no caminho certo, amor, eu nasci assim
Não se esconda em arrependimento, apenas ame a si
mesmo e você está pronto.
BORN THIS WAY - LADY GAGA

FABRÍCIO

A vida de uma pessoa não deve ser determinada por quem ela ama. Amor deve ser amor, puro e simples. Deve ser algo belo, natural, algo que te complete e te traga crescimento. Infelizmente, na prática, não é bem assim. Toda a minha adolescência foi determinada por quem eu amo.

Tenho dezoito anos e passei os últimos seis apaixonado pelo meu melhor amigo, Rodrigo. Sim, clichê, eu sei. Tudo poderia ser perfeito, lindo e digno de um romance, exceto por um pequeno detalhe: eu sou gay. Ele não.

Tento não me definir pela minha orientação sexual, mas ela regeu toda a minha vida. É algo que, só quem passa por isso, entende. Quando percebi que não me interessava pelo sexo oposto, como os outros meninos, passei a pisar em ovos e viver em pânico. Meu maior medo era que todos à minha volta descobrissem, e meu mundo desabasse. Ser gay em Morro Atrás, a cidade onde nasci, ainda não é visto com bons olhos, algo que espero que mude com o tempo. Ser gay na minha

família é algo impensável, que não vai mudar tão cedo.

Quando tinha doze anos, entrei no computador lá de casa depois que Nina, minha irmã mais velha, usou. Antes de fazer a pesquisa que precisava para a escola, fui olhar o histórico (sim, é feio, eu sei, mas adorava saber o que o pessoal lá de casa pesquisava na internet. Foi assim que descobri que ganharia uma bicicleta de Natal) e vi vários sites sobre homossexualidade. Eu me assustei por alguns segundos, pensando que havia me esquecido de apagar da última vez que usei, até me dar conta de que foi Nina quem havia acessado aqueles sites. Entrei em alguns e descobri que ela pesquisara coisas como “*alguém nasce gay?*”, “*dá para saber se uma pessoa é gay desde criança?*”, e por aí vai.

Fiquei várias semanas sem dormir direito, pensando sobre aquilo. Se ela desconfiava, outros também poderiam. Eu não estava disfarçando o suficiente, precisaria fingir e treinar melhor, para que ninguém percebesse o que se passava comigo. Pode soar como uma besteira que, nos dias de hoje, alguém ainda precise mentir e se passar por hétero, mas meus pais são muito retrógrados. E quando eu digo muito, quero dizer MUITO mesmo. Desde pequeno, escuto meu pai gritar comigo “*homem não chora*”, “*seja homem e agente*”, “*varrer casa e lavar louça é coisa de mulher*”, e muitas outras baboseiras que deveriam ter ficado no século retrasado.

Minha mãe é omissa quanto a isso e, por este motivo, não sei se aceitaria um filho gay. Desde pequeno que os dois pegavam muito no meu pé para eu “*andar direito*” ou “*agir feito homem*”, além de “*jamais vou admitir filho boiola aqui em casa, então vê se cresce como homem de verdade*”.

Então, minha fixação no início da adolescência passou a ser assistir séries e filmes, ver como os homens agiam para treinar depois na frente do espelho. Virei um mestre na arte de imitar as pessoas: o jeito de andar, mexer o corpo, mãos, como me sentar, os gestos e poses, tudo era baseado nos atores de filmes e novelas. Ninguém podia saber que eu gostava de

meninos e, quando os caras da escola falavam sobre as garotas que achavam bonitas, eu concordava e repetia os comentários que faziam sobre elas.

Dou a impressão de que foi simples, mas não. Ficar o tempo todo em alerta, medindo movimentos, frases e gestos é cansativo. Esconder quem sou, ter que apagar todos os dias o histórico do computador, e olhar por cima do ombro quem está por perto, quando mexo no celular, se mostrou uma rotina exaustiva. Ainda mais porque demorei a me dar conta de que precisava esconder meus verdadeiros sentimentos, antes que os outros percebessem.

Só depois de um tempo que fui entender o real sentido das perguntas de alguns familiares que, provavelmente, já desconfiavam: “*E as namoradinhas?*”, “*É o terror das gatinhas no colégio?*”. A maldade estava ali. Nunca me senti atraído por garotas, mas Rodrigo também não até os dez, onze anos; parecia consenso entre meus amigos achá-las sem graça. Fomos aquele tipo de criança que só queria jogar bola, mal olhávamos para os lados. Mas quando nossos corpos começaram a mudar, e Rodrigo se tornou fisicamente interessante, percebi que meus sentimentos em relação a ele eram diferentes dos das outras pessoas com quem convivia.

Eu não sabia o que ele pensava a respeito do amor ou da atração entre duas pessoas, não falávamos sobre isso. A verdade é que tinha medo de perguntar. De noite, deitava a cabeça no travesseiro e fantasiava que o sentimento dele por mim era recíproco, e Rodrigo se declararia. Só a ideia de beijá-lo já me deixava todo arrepiado.

Meu mundo de sonhos perfeitos desabou em um sábado de setembro, quando fomos para a festa de aniversário de uma das meninas da escola. A casa dela era grande, com um quintal amplo. Vários jovens da nossa turma começavam a se aventurar nos namoros e, em determinado momento, perdi Rodrigo de vista. Andei pelo quintal até encontrá-lo com uma garota nos braços. Fiquei paralisado, em choque. Claro que a chance de ele

também ser gay era pequena, mas uma coisa é desconfiar, outra é ter certeza. Naquele instante, meu coração se quebrou e senti lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu tinha treze anos e estava sofrendo por amor.

E agora estamos aqui, os dois com dezoito, dividindo um apartamento no Rio de Janeiro e seguindo nosso sonho da juventude: ir para a universidade em uma cidade grande e conquistar o mundo. Eu já me contentava em conquistar Rodrigo, mas tive de adiar meu plano. Talvez ainda consiga, já que estamos longe de casa, da família, amigos e, o principal, da namorada dele.

Desde o ensino médio que planejávamos vir para o Rio, estudar e seguir com nossa amizade, ele cursando Administração e eu, Direito. Mal consigo acreditar que realizamos nosso projeto, mesmo meu pai tentando me impedir de vir para cá. Ele tem uma cabeça quadrada, não queria o filho longe e em uma cidade grande. Minha irmã é oito anos mais velha do que eu, e me ajudou a lidar com a situação. Acho que ela sempre desconfiou, tenho essa suspeita desde que vi os artigos no computador dela, muitos anos atrás. Quando comecei a conversar com meu pai sobre a vinda para o Rio, ela apoiou e senti que foi uma forma de Nina me libertar, de saber que, longe de casa e de todos, eu ficaria bem. Não sei o que pensa sobre a minha orientação sexual, mas percebo que quer que eu seja feliz, o que me tranquiliza. Ela soube lidar com meu pai, e o convenceu a aceitar a minha mudança de cidade.

E foi por causa dele que aprendi a fingir muito bem: absolutamente ninguém na minha cidade sabe da minha orientação sexual, apenas um cara desconfia, Vitor, mas já dei um fora nele, o que o deixou em dúvida.

Estou tomando o café da manhã na cozinha quando Rodrigo chega, esfregando o olho. O pai dele comprou este apartamento, no Leme, alguns anos após passar a lua de mel no Rio de Janeiro, e se apaixonar pela cidade. Desde então, fala que vai se mudar para cá um dia, mas este dia ainda não chegou. Talvez

por ele ser político, e estar sempre se reelegendo para todos os cargos possíveis em Morro Atrás. Enquanto isso, a família usa o imóvel nas férias e feriados.

Rodrigo se senta em frente a mim vestindo apenas uma bermuda, e eu me perco em seu corpo. O cabelo preto está para cima, mas ele ainda não pegou o jeito. Quando soube que foi aprovado na universidade, começou a testar várias formas de arrumar o cabelo para parecer mais descolado. Até descoloriu as pontas, mas não ficou legal. Eu o alertei, e ele me chamou de caipira, e disse que é assim que os cariocas usam, que ele entende mais do que eu porque vem para a cidade desde pequeno. Então, não fiz mais nenhum comentário, mesmo sabendo que ele está errado. Um dia, irá perceber que não está “*maneiro*”, como diz o povo daqui.

— Sonhando acordado? — pergunta ele, se levantando para preparar um misto- quente. Demoro um pouco até me dar conta do que acontece ao meu redor.

— Só pensando na vida — respondo, vagamente.

Todos os dias ensaio na cabeça uma forma de lhe dizer a verdade. Todas as vezes que o vejo, perco a coragem. Havia decidido que ia levar minha vida do jeito que quisesse aqui, no Rio, que em uma cidade grande e mais liberal, eu poderia ser eu mesmo, ser o garoto que gosta de garotos. Seria diferente de Morro Atrás, porque não precisaria me esconder de meus pais que, agora, estão longe.

Mas pensar em algo é fácil, colocar na prática é bem mais complicado. E não sei como contar para Rodrigo. Tenho medo do que vai pensar, de parar de falar comigo ou contar para a minha cidade inteira. Ou tudo junto. A vida seria mais fácil se as pessoas não julgassem tanto, e não tivessem tantos preconceitos. E a minha vida seria bem mais fácil se Rodrigo também gostasse de mim.

— Estou pensando em ir à praia e depois passar no shopping. Quero ver se encontro umas roupas maneiras para a

universidade — diz Rodrigo.

Desde que chegamos ao Rio que ele tenta usar “*maneiro*” sempre que pode. Sua fixação em se passar por carioca é cômica, mas não digo nada porque sei que não quer ouvir a verdade. Eu me divirto com suas tentativas frustradas.

— Pode ser, preciso de algumas bermudas — respondo, me levantando da mesa do café.

Todo o ensaio da conversa, que passei pela minha cabeça, se perde em palavras não ditas. A coragem se foi, se é que alguma vez esteve presente. Deixo para logo mais, ou amanhã. Ou semana que vem, quem sabe?

Vou até meu quarto e troco de roupa, me olhando no espelho. Coloquei um grande ao lado do guarda-roupa, para que pudesse me ver o tempo todo. É uma tentativa de descobrir meu verdadeiro eu e parar de atuar. Esforço-me a usar movimentos naturais, mas não sei mais o que faz parte de mim e o que é mentira. Espero um dia ser eu mesmo, o Fabrício real, que não precisa mais se passar por outra pessoa. Só que, antes, tenho que perder o medo de me abrir para os outros.

Penso em Rodrigo na sala, me esperando. Talvez seja mais fácil falar pessoalmente primeiro com um desconhecido. Pelo computador, já conversei com outros garotos que enfrentam o mesmo problema que eu, mas nunca usei minha foto, nem meu nome. Sempre um pseudônimo, sempre uma imagem que peguei no Google. Abrir o jogo na internet é fácil, ninguém me conhece, sabe quem sou, onde moro, quem são meus pais. As pessoas me incentivam, dizem que tenho que me assumir e que os outros irão aceitar. Na prática, sei que não é bem assim. Posso acabar com tudo em apenas três palavras: “*eu sou gay*”.

2

Vou deixar
A vida me levar pra onde ela quiser
Seguir a direção de uma estrela qualquer
VOU DEIXAR - SKANK

CAIO

A cortina entreaberta permite que a claridade entre no quarto, roubando o resto de sono que tento preservar. Dou um longo gemido, me espreguiçando, e isso, talvez, já seja o peso da idade, os vinte e três anos recém-completados.

Apalpo os lençóis com cuidado, para não acordar o Juno, meu gato, enquanto procuro meu celular, mas não tem jeito, ele está deitado em cima do aparelho. O acarício e ele resmungo. Peço desculpas por atrapalhar o sono da realeza, e puxo o celular para mim. Juno vira de lado e volta a dormir, com uma facilidade de dar inveja.

Antes de ver as mensagens, não resisto e tiro uma foto dele com a linguinha para fora. Mais uma entre as milhares que tenho na galeria.

Impossível acreditar que é o mesmo gato que apareceu, todo machucado, na garagem do prédio onde moro. Eu não conseguia processar tudo o que tinha acontecido entre Matheus e eu e, quando a mente não me deixava descansar, pegava minha bicicleta e saía pedalando por aí. Foi em um destes passeios que, ao descer até o bicicletário, Juno apareceu. Não sei se os animais sentem, mas naquele momento em que surgiu, pedindo ajuda, ele me ajudou, também.

Meus pais não queriam animal em casa de modo algum.

— Este apartamento daqui a pouco vai virar um zoológico. Já basta o bicho-preguiça aqui — disse minha mãe, apontando para o meu pai. — O pai de vocês, sinceramente... No final de semana pediu para eu escolher um filme, para a gente assistir, e dormiu no meio. E não foi a primeira vez!

— O filme era meio monótono. — Papai tentou se justificar.

— Era John Wick, impossível ser monótono! — disse mamãe.

— Bom, vocês me conhecem, eu sempre durmo nos filmes, independente do que seja. Ainda mais com a sua mãe suspirando o tempo todo pelo Keanu Reeves, e falando o quanto ele é bonito e está em forma — explicou papai.

Caímos todos na gargalhada, e aproveitei o clima descontraído para dizer que ficaríamos com Juno até que melhorasse para, depois, pôr para adoção.

Não deu uma semana e meus pais já estavam chamando o Juno de neto, comprando presentinhos e tudo o mais. Quem resiste a um gatinho laranja e carente? Agora, a casa é dele e moramos todos de favor.

Desbloqueio a tela do celular, leio as mensagens pela barra de notificações e vejo que fui marcado em algumas fotos. Deixo para responder mais tarde.

Pelo menos, ao ficar mais velho e passar a comemorar o aniversário em um bar, não tenho mais que enfrentar a hora do parabéns em público que, para mim, sempre foi um momento constrangedor. Nunca soube se cantava junto, batia palmas, balançava aleatoriamente ou se pegava o bolo e saía correndo. A última opção me parece interessante.

Eu me espreguiço, mais uma vez, e abraço Juno, que reclama. Três batidinhas na porta me puxam de volta para a realidade.

— Está acordado? — pergunta Giovanna.

— Não! — respondo.

Minha irmã força a maçaneta, mas a porta está trancada.

— Abre logo, Caio.

Saio da cama, e dou meus primeiros passos com vinte e três anos.

Destranco a porta e, em um piscar de olhos, Giovanna já está em cima de mim, cantando parabéns; pisquei mais uma vez e estávamos caídos no chão do quarto.

Minha mãe conta que, quando anunciou estar grávida, eu chorei muito. Todo mundo rindo, pensando que fosse ciúmes. Não me lembro disso, mas quando meu pai pediu para que não ficasse triste, eu, chorando, disse que estava feliz.

— Você é meu presente diário — digo, quando ela termina sua declaração para mim em forma de parabéns.

— Agradece depois de escovar os dentes, tá bom? Nenhum amor é o suficiente para me fazer ter que aguentar o hálito matinal de ninguém!

— Como você é ridícula, né?

Giovanna se levanta primeiro e estendo a mão para que ela possa me puxar.

— Falando em ridículo... Você acredita que o Matheus me mandou uma mensagem?

— Você está de brincadeira!

Olho para minha irmã, incrédulo.

— Ele disse que viu que passei em Direito e que, independente do que aconteceu, tem muito carinho por mim. E, que se eu precisar de qualquer coisa, vai ser um prazer me ajudar.

Escuto Giovanna dizer aquilo e dou uma gargalhada, carregada de ironia.

— E o que você respondeu? — pergunto.

— Agradei por me lembrar que faltava bloqueá-lo em todas as minhas redes sociais, além do celular. — Consigo sentir o desprezo na voz da Gio. Posso dizer que, hoje em dia, ela sente mais aversão ao Matheus do que eu. — Eu me arrependo tanto de ter gostado dele.

— Se você se arrepende, imagina eu — comento, rindo. —

Até hoje, sinto dores no pescoço pelo chifre pesado que fiquei carregando por aí.

— Da próxima vez, arranja um namorado decente, por favor. A gerência agradece.

— Próxima vez? Eu não namoro nunca mais!

— Vai namorar sim, porque quero ser aquela tia legal que os sobrinhos adoram.

— Eu posso adotar, ser pai solteiro! São novos tempos.

— Concordo, mas não acho que você deva se privar de coisas novas, por causa de um qualquer — diz Giovanna.

— Agora virou terapeuta?

— Você sabe que estou certa! — diz Giovanna, simulando um olhar soberbo.

— Ah, é? Então, você pega sua certeza e vai de carona com ela para a faculdade, tá bom? Agora dá licença que preciso tomar um banho — brinco, e sigo para o banheiro.

— Você jamais teria coragem de me negar uma carona — diz ela, cutucando minha cintura, me fazendo cócegas, e saindo correndo.

E ela está certa, mais uma vez.

*

Mamãe está parada ao nosso lado, nos admirando, enquanto esperamos o elevador chegar ao nosso andar.

— Fico tão emocionada ao ver como vocês cresceram.

— Ih, começou — diz Giovanna, já acostumada com os dramas da nossa canceriana favorita.

— Vocês pequenininhos... — Mamãe ignora sua filha mais nova e continua. — Parece que foi ontem, eu colocando vocês na van da escolinha, indo nas reuniões de pais, comprando cartolina em cima da hora para fazer trabalho. — O elevador para em nosso andar e nos despedimos de mamãe. Ela está tão nostálgica que não consegue parar de falar. — Virei especialista em tirar mancha de roupa... terra, sangue, tinta.

Antes de entrar no elevador, a puxo para perto de mim e lhe dou beijo na testa.

Ela me encara, em silêncio, com o sorriso mais lindo do mundo.

— Obrigado, por tudo... Por estes vinte e três anos me amando do jeitinho que eu sou — digo, entro no elevador com Gio, e a porta se fecha.

*

Entrego meu celular para Giovanna e peço que escolha algo para ouvirmos, enquanto ligo o carro e saio da garagem do prédio. Amo dirigir ouvindo música. Para ser sincero, amo escutar música sempre que posso. Tenho *playlists* para banhos felizes e tristes, para assistir ao nascer e pôr do sol, para caminhar na praia ou em parques e me sentir mais próximo à natureza, para momentos em que preciso de um gás e momentos em que estou triste, e quero ficar ainda mais triste.

Após escolher uma *playlist*, Giovanna se vira para colocar a mochila no banco de trás.

— O que é isto? — pergunta Giovanna, ao se deparar com um terno azul-marinho, protegido por uma capa transparente.

— Já que está com o meu celular em mãos, entra no meu e-mail e veja o último que recebi.

Não falo mais nada, esperando a reação dela.

— Meu Deus, Caio! Não acredito! É isso mesmo que entendi? — diz ela, após ler o e-mail. — Você está indo agora para um processo seletivo, para ser comissário de bordo de uma companhia aérea em Dubai?

— Sim. — Ela me abraça apertado. — Cuidado, estou dirigindo!

— Não sei nem o que dizer. Não sei se fico feliz ou triste — diz Giovanna, me soltando. — É o seu sonho, eu sei, mas... não sei se estou preparada para ficar longe de você.

— Calma, se eu colocar o celular para gravar, você pode

repetir esta última parte, por favor? — Giovanna dá um tapa no meu braço, e limpa as lágrimas que escaparam correndo pelo rosto. — Pode parar que você vai me fazer chorar e não posso chegar na seleção com a cara inchada.

— Meu Deus, você precisa mesmo ir para os Emirados Árabes para ser comissário? No Brasil tem companhia aérea também, sabia? E, assim, você não fica longe de mim — brinca Giovanna.

— Eu sei, mas quando passou o choque da traição do Matheus, apareceu esta oportunidade, e senti que era um sinal do Universo, para eu me afastar daqui, e não podia dispensar. Sei que é longe, mas acredito que será bom ficar um pouco distante de tudo e de todos.

— E quando te chamaram?

— Recebi sexta-feira o e-mail da empresa aérea para a etapa de hoje, que é a última, e pedi logo uma folga no trabalho, com a desculpa de que era meu aniversário. Você sabe que este é o meu sonho, e não continuar na produtora.

— Não acredito que você não me contou assim que começou o processo seletivo, só está me contando agora, no dia da última etapa — diz Giovanna, como se eu tivesse traído sua confiança.

— Desculpa, é que não quero ninguém criando expectativa sobre algo que não sei se vai dar certo.

— Com esse seu otimismo, nossa!

— Não é questão de otimismo. Imagina se conto para um monte de gente e, no fim, não passo? Todo mundo vindo me perguntar, eu falando que não passei e aquele silêncio constrangedor, por alguns segundos, quebrado por uma mensagem motivacional barata: “*Não fica assim, vai dar certo quando for a hora*”. Ah, não! Dispensio.

— E você já contou para a mamãe? — pergunta ela.

— Ainda não. Não quero deixá-la sofrendo por antecedência. Conto quando eu passar. É por isso que não saí de casa já com o terno, não queria que ela desconfiasse de algo.

— *Não é porque eu te criei para o mundo, que você tem que*

se mudar para o outro lado dele — diz Giovanna, fazendo uma imitação perfeita da mamãe.

Ao passarmos pela Praia de Botafogo, um avião se aproxima para pousar no aeroporto Santos Dumont.

— E pensar que, em breve, você pode estar trabalhando em um desses, hein? — diz Gio, dando um tapinha em minha perna. — Imagina quantos países você vai conhecer!

Seguimos o resto do caminho fantasiando todas as experiências que um comissário de bordo internacional pode viver, e listando os países mais interessantes para ir.

O trânsito milagrosamente flui bem, e logo estamos em frente à faculdade onde Giovanna cursará Direito, e eu cursei Comunicação. Sinto a nostalgia bater em meu peito, e acho que ser nostálgico é genético.

— Boa aula — digo, vendo Giovanna sair do carro. — E, por favor, não seja uma aluna chata.

— Pode deixar. E, por favor, não seja um comissário de bordo que só oferece água para os outros — diz Giovanna, dando uma piscadinha para mim.

Dou uma gargalhada alta e saio com o carro. O caminho até o Recreio dos Bandeirantes, onde será o processo seletivo, é longo, mas lembro que a distância entre o Brasil e os Emirados Árabes é ainda maior, e sinto um leve aperto no peito. Também não sei se estou preparado para ficar longe das pessoas que amo.